



Do Mal-Estar às Formas de Estar: Contribuições Psicanalíticas à Queixa Escolar

Débora Zanutto Cardillo
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2012



SUMÁRIO

1	Introdução	2
2	O Mal Estar	3
3	Um Pouco de Contextualização da Teoria Lacaniana	7
4	O Sujeito na Psicanálise	10
5	A Criança que Fala e é Falada	13
6	O Trabalho com as Crianças	15
7	Contribuições/Discussões	17
8	Bibliografia	20
8.1	Leituras que Embasaram o Trabalho sem Citações	21



1 INTRODUÇÃO

O mal-estar nas relações é colocado como um desafio a ser mediado tanto individualmente quanto na família e instituições. A partir da psicanálise, com Freud, Jacques Lacan e comentadores, o objetivo deste trabalho é discorrer sobre este mal-estar na civilização e a possibilidade de abordagem deste sujeito que, posicionando-se no mundo, abrange os laços sociais a partir de diferentes discursos.

Ao percorrer o mal-estar e a possibilidade de cada um lidar com aquilo que abdica para conviver em sociedade, as possibilidades de escolhas de forma a lidar com a satisfação, o trabalho traz a abordagem psicanalítica ao situar a concepção de indivíduo, sociedade e laço social que permeiam o desafio de uma ética singular, ética do desejo para em contraposição uma ética que visa à normalização psicológica.

Diante destas discussões, será abordada a concepção de criança e seu tratamento, que, inserida numa estrutura discursiva da família e da escola, é colocada e se coloca num posicionamento mediante ao que se falam delas.

Assim, este trabalho tem como objetivo contribuir com esta abordagem de modo a considerar o sujeito constituído a partir do outro e que seu sintoma, no caso, a queixa escolar, pode ser ressignificada e historicizada pela estrutura discursiva que está inserido, trazendo uma perspectiva de trabalho com as figuras parentais que atravessam a fantasia inconsciente, contribuindo com as discussões críticas acerca da orientação à queixa escolar.



2 O MAL ESTAR

Freud em seu conhecido texto, o Mal-Estar da Civilização (1930), traz a discussão que o ser humano no seu processo civilizatório traz um mal estar na medida em que abdica uma parte pulsional¹ de sua constituição em prol de viver socialmente. Este mal estar traz a pergunta do que se pode fazer com essa parte pulsional que se abdica? É o que será tratado ao longo desta discussão.

Uma vez que a inclinação do homem é ser lobo do homem, ou seja, a inclinação de tratar o outro como um objeto tanto sexual quanto fatal traz que o processo civilizatório é um modo de poder permitir lidar com essa abdicção de parte pulsional e aparelhar junto com a linguagem permitindo a mediação na relação entre as pessoas, no laço social.

Freud, posteriormente retomado por Lacan, traz as formas do laço social, nos quais se pode falar em governar, que corresponde ao discurso do mestre/senhor, em que o poder domina; educar constitui o laço universitário, dominado pelo saber; analisar traz o laço social inventado no início do século XX por Freud, em que o analista se apaga como sujeito por ser apenas a causa libidinal do processo analítico e o fazer desejar, que é o discurso que traz o sujeito da interrogação que faz com que o mestre não só queira saber, mas produzir um saber. Estes discursos trazem modos de como o agente lida com a verdade em relação a um outro que faz com que tenha uma produção².

Na sociedade ocidental, a dominação pela ciência faz com que se expressem na doença dos discursos, nomes de doenças e comportamentos padronizados de acordo com o saber. Com isso, o saber é quem governa: “onde é ele o agente do discurso, pois se encontra no lugar do comando, ocupado inicialmente pelo mestre antigo. O discurso do mestre moderno é o discurso universitário: o mestre foi substituído pelo saber universal científico. Conseqüência: tirania do saber, que exige a qualquer custo, a obediência ao mandamento

¹Por ser um conceito que traz sua especificidade na Psicanálise, mais adiante será abordada a sua conceitualização.

²Lacan coloca isto em matemas, que é uma formalização que prescinde de definições fixas e a cada modo de entender, pode ressignificar de acordo com o entendimento de cada um. Para um detalhamento mais desses matemas, ver Quinet (2006).



do saber, a ordem que se apresenta como a verdade da ciência” (Quinet, 2006, p. 20). O sujeito da ciência universitária é o sujeito da crença, onde o saber encontra o máximo de sua totalidade, uma vez que o saber ocupa todo o lugar da verdade neste discurso e objetifica a tudo e a todos. Trata-se de objetificar o sujeito de forma a escamotear a singularidade de escolha e modo de satisfação pulsional a serviço do saber. O discurso do mestre moderno aliado à lógica do discurso capitalista que em que o saber comanda acima do sujeito com uma ordenação de satisfação máxima subverte o modo singular e produz uma heteronomia em suas escolhas.

Diante disto o sujeito traz um modo de gozo irresponsável, assim como a segregação social já que o modo de satisfação não precisa ser nem responsabilizado nem ter possibilidade de lidar com o outro. Ambos os desdobramentos do discurso da ciência, já apontados por Lacan em 1967 (Barroso, 2010).

Há no discurso da ciência que se associa ao discurso capitalista uma promessa de satisfação pulsional que o realize se o sujeito se for assujeitado às escolhas que lhe ofertam seja ao ter um nome de uma doença que lhe garante um tratamento erradicando qualquer incômodo, seja ao adquirir novos objetos que lhe poderia “melhorar” a vida, “ter mais tempo para o ócio”, aspectos que trazem à tona o próprio modo de estruturação da sociedade ocidental como o modo de produção, o modo de lazer e de criação. Porém este retorno do mal estar vem na medida em que é impossível por meio de objetos e modos de conduta vislumbrar um bem estar geral, uma vez que haverá algo faltante que completa o sujeito e que a própria satisfação não é aquela prometida, ou então a que muitos esse modo de consumir objetos e comportamentos não lhe é possibilitado pela desigualdade social.

Na psiquiatria, Quinet traz que os objetos produzidos pelo saber da neurociência são os medicamentos que podem virar objetos de consumo quando a psiquiatria entra no discurso capitalista. Discurso este que há um imperativo de gozo: império do ter, do individualismo, da competitividade que degrada o laço social.

Diante destes modos que trazem estes ideais de felicidade que retornam em mal-estar e em sintomas, a psicanálise traz uma contraposição ao trazer a ética do desejo, ao possibilitar que o sujeito lide com estas formas ideais e inclua a responsabilização pessoal naquilo que escolhe como modos de lidar com a própria vida, subjetividade e o mal estar.

O ser-para-o-sexo é aquele marcado em sua origem pela castração, isto é, pela perda de gozo do vivente, perda que dá lugar à estruturação da realidade por meio do quadro da fantasia de cada sujeito. Tanto para a criança quanto para o adulto, a responsabilidade subjetiva quanto ao



modo de gozo de cada um só pode advir da construção da fantasia que anima o sujeito, o que implica construir uma versão do objeto do qual o sujeito dispõe, segundo a idade que tenha. (Barroso, 2010, p.3)

Com isso, a responsabilidade subjetiva é trabalhada inicialmente com a implicação do sofrimento, que é uma condição para o sujeito ressignificar as suas escolhas. É pela retificação subjetiva que o sujeito se coloca como responsável pela criação e manutenção de seu sofrimento mediante um endereçamento de um suposto saber ao analista de forma a ter uma implicação do sujeito em seu sintoma. É só mediante o encadeamento da fala feita no giro da ressignificação significativa que o sujeito começa a se posicionar como um agente que se implica através da fala, de suas relações e escolhas. Diante disso a análise discorre sobre o reposicionamento do sujeito perante o mundo ao lidar com sua fantasia e o desvanecimento do sentido atribuído aos significantes, dos ideais que o permeiam.

A função diagnóstica a partir da clínica do sujeito não atravessa sua fenomenologia, e sim a partir da estruturação dos modos de negação da castração colocada pela psicanálise (e formalizada por Lacan) no qual Freud colocou que as leis do inconsciente estão presentes em todos os sujeitos: neuróticos, perversos e psicóticos.

O diagnóstico diferencial buscado no registro do simbólico (onde são articuladas as questões fundamentais para o sujeito como sexo, morte, procriação, paternidade) quando da travessia do Complexo de Édipo traz a diferenciação dos três modos de negação da castração do Outro, ou seja: o recalque neurótico (*Verdrängung*) e o desmentido do perverso (*Verleugnung*) negam o elemento da castração, mas ambos o conservam no inconsciente, o neurótico através do sintoma e o perverso através do fetiche. Já no psicótico (*Verwerfung*), o modo de negação não deixa rastro ou vestígio algum, já que não há admissão do Édipo no simbólico. Cada um traz sua modalidade de retorno da negação: a castração neurótica traz o recalcado no sintoma, o retorno do desmentido no fetichismo do perverso e o retorno do foracluído nas alucinações e delírio do psicótico.

Mediante os fenômenos observados, a estrutura clínica permite a apreensão da constituição do sujeito, de sua dinâmica e sua função na subjetividade. O que tem de ser ressaltado é que essa diferenciação não implica num estágio desenvolvimentista em que há uma concepção de “evolução” para a neurose. São diferentes formas de se posicionar no mundo e o tratamento de cada uma dessas formas se faz de forma singular, sem mudar as formas de estruturação do sujeito (em que o tratamento de uma psicose poderia “chegar” a uma neurose). Cada modo de estruturação traz um mal estar no laço social a partir da concepção que essas formas são tentativas de lidar com o mundo.

Em seu seminário sete (1959-1960), Lacan traz como tema a *Ética da Psicanálise*



para discutir os propósitos de uma análise que se afasta de uma normalização psicológica de forma moralista ao trazer os valores e a razão do analista de forma a ser colocada ao analisante. Há um apelo social no qual rechaça o analista para que se maneje a análise lidando com os objetos da escolha e não sustentar a modificação e transformação das próprias escolhas do sujeito estruturadas pelo seu desejo. É por formalizar que as formas de negação, que são a expressão de cada sujeito, que a abordagem de tratamento não as nega, extirpam-nas, mas inclui e faz falar, seja o sintoma, fetiche e delírios.

Assim, uma pergunta que se coloca é como conduzir uma análise respeitando a ética do sujeito? O trabalho de uma análise é feito na vinculação entre o analista e o analisante e por isso Lacan traz o rigor do pensamento ao lidar com a formação do analista que perpassa a sua própria análise, supervisão e estudo teórico que ainda assim não garantem a formação de um analista.



3 UM POUCO DE CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEORIA LACANIANA

Lacan aproxima-se da psicanálise pelo campo da linguagem nos anos de 1950, onde retoma e faz uma leitura de Freud, no qual ele parte do conceito de Inconsciente e suas leis da fala e da linguagem; nos anos de 1960 trabalha os conceitos de angústia e de pulsão e no terceiro período, anos 1970, define o campo do gozo, onde se debruça sob os conceitos de repetição, pulsão de morte e os seus sucedâneos (o supereu, o mal-estar, o masoquismo). Há grandes controvérsias na leitura de seu ensino ao valorizar o campo da linguagem ao campo do gozo, sendo válido também ao contrário, mas que não cabe ao escopo desta discussão.

Aborda-se o campo do gozo a propósito de conhecimento e discussão sobre a crítica de que não é tudo na Psicanálise voltado para a linguagem, mas se faz através desta linguagem a noção de cura. Lacan coloca que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem. É pelas leis da fala que implica o reconhecimento do Outro e as leis da linguagem trazem a noção da metáfora e metonímia. No seu texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” utiliza o eixo da metáfora e no texto “A direção do tratamento e os princípios do poder”, a metonímia. Ambos os textos no livro *Escritos* (2003).

Com a metáfora paterna Lacan abordará o Édipo, fazendo a distinção estrutural entre neurose e psicose. Com a metonímia, como lei do desejo, Lacan situa a direção do tratamento (transferência e interpretação) no campo da linguagem, onde o desejo não está posto na fala, ele é a sua interpretação e que a demanda está implícita em todo ato da fala na transferência. Dentre outros desdobramentos, para o sujeito falta um significante que diga o que ele é, um sujeito é um significante pulado da cadeia, falta-a-ser.

Neste ponto é necessário frisar que sendo o sujeito um falta-a-ser, há uma imaginação de que o sujeito colocado por Lacan a tudo lhe falta. Não é disto que se coloca para tratar o sujeito. Ao sujeito há uma busca incessante para que haja um nome, que lhe falta, que lhe complete e diga quem o é, precisando ir para os laços sociais, para as



trocas com o outro a fim de haver reconhecimentos, este que traz grande mal estar uma vez que o neurótico queixa-se de que não há reconhecimento ou não sabe o quê precisa ser para o outro, de forma a completá-lo.

Diante de como se situa com a palavra, a ética da psicanálise não é o autoconhecimento, nem a garantia de que haja a felicidade, nem a evitação com o contato com a limitação da morte. Em sua ética, Lacan coloca que a ética do sujeito não é uma condução normatizante, em que haja uma adaptação do sujeito aos ideais sociais nem ao analista, que pela condução do tratamento coloque ideais de si para o analisante em seus atos e intervenções, mas uma outra que permite que o analisante emergja como sujeito desejante e lide com as limitações de se saber finito e o desamparo que isso causa.

Diante disto, não é a postura resignada de um estado depressivo, que se sabe da finitude, então “não há nada a ser feito, a não ser morrer”, mas sim criação de modos de vida em que a evitação não seja uma marca de vida no sintoma, em que, tomando como exemplo qualquer, o medo do elevador marcado pela proximidade com a finitude impeça o sujeito de mobilidade, em que se elege um significante-nó, e se atribui diversos sentidos ao medo de elevador, que o esvaziam e possibilitam colocar que um elevador é apenas um elevador, uma vez que não há como se prevenir de acidentes e fatalidades.

O sujeito ao falar de seu sintoma, fala de seu posicionamento frente à cultura, traz o seu mal estar ao buscar o reconhecimento do Outro¹.

O campo de gozo articulado nos anos de 1970 vem com a concepção de que o gozo, como tal, não se deixa apreender totalmente. Ele está sempre transbordando, escapando no qual não há limite, não há sua redução ao sexo, pois não se deixa aprisionar pelo significante fálico. É pela passagem pelo campo da linguagem que do gozo advém os discursos.

O gozo se manifesta pela repetição, já postulada por Freud. Ele é elemento causal da linguagem, no campo do gozo ele representa a presença da libido nos discursos definidos como laços sociais. Com a teoria dos discursos Lacan formaliza o que Freud designou como as três profissões impossíveis – governar, educar, psicanalisar e acrescentou o das

¹A concepção de Outro (lê-se grande outro) é trazida aqui como o tesouro dos significantes, onde o acesso simbólico é favorecido e no qual o sujeito extrai os significantes para articular a sua linguagem. O estruturalismo de Lacan propõe estruturas universais como a lei do incesto como fundante na cultura, porém que as funções possam ser personificáveis, uma vez que o bebê se relaciona com a mãe atribuindo todo o seu mundo. A mãe acaba sendo a função do Outro de prover as necessidades, mediar as demandas e instaurar o desejo a cada vez que se ausenta. Diante disso o pequeno sujeito se interroga: “o que tenho que ser para minha mãe?” para que esta possa permanecer? Daí que não é necessariamente a mãe biológica que requer esta função, mas é qualquer um que esteja disposto. A função paterna e materna é vazia [funções matemáticas $f(x)$]



históricas, que é o “fazer desejar”.

O impossível para Lacan é um dos nomes do real, em que não se confunde com a realidade, mas que esta só é aprendida na estrutura de uma ficção. O impossível no campo do gozo é a pulsão de morte não simbolizável que retorna no laço social sob a forma de gozo, trazendo as impossibilidades nos laços entre os homens.

Os laços sociais como discursos é uma estrutura discursiva da dominação do gozo, porém determinado por ele:

Mediante o “instrumento da linguagem, o discurso instaura relações fundamentais e estáveis no campo do gozo, a partir de uma série de enunciados primordiais que determinam aquele laço social específico. Trata-se de um “discurso sem palavras”, pois, segundo Lacan, “não há necessidade de enunciações para que nossa conduta, nossos atos eventualmente se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais”. (Quinet, 2006, p. 30)

O discurso é da ordem de um dizer, daquilo que funda um fato. Os discursos fundam fatos, que são os laços entre as pessoas. É uma clínica do ato e não da palavra. Um ato é um dizer que funda o fato. Os atos inseridos nos laços sociais são os fatos de discurso. Por exemplo, o que caracteriza um governo não é o que dizem os políticos, mas sim seus atos. O AI-5, exemplificado por Quinet (2006), pode ser considerado um paradigma do ato instituinte do discurso do mestre como ditatorial. É através dos atos e do posicionamento do agente que se define o discurso e não o setting, tampouco as palavras pronunciadas, e sim o ato.



4 O SUJEITO NA PSICANÁLISE

O sujeito na psicanálise se constitui a partir de um outro, que durante a relação, permite momentos de ausência alternados com a presença. Dessa alternância é que constitui a simbolização, exemplificada pelo jogo do fort da do neto de Freud¹. Se o outro primordial se afasta, nem que seja por instantes, isso possibilita (numa dedução lógica) que o bebê possa pensar que ele não é tudo que sua mãe (ou figura materna) precisa. Ele não é o falo² que completa sua mãe, há elementos que fazem com que ela queira estar no mundo além dele. Diante disso, o bebê se coloca em todo o questionamento do que “eu tenho que ser para minha mãe”³. A entrada do pai é neste num segundo momento, em que se personifica a ida para o mundo da mãe. Sem querer recontar a trajetória edipiana, coloca-se aqui a inserção dos agentes, a entrada (ou não) da simbolização para que o atravessamento de cada sujeito pela trajetória edipiana deixe marcas e leve consigo maneiras de lidar com a castração.

É pelo atravessamento do Édipo e suas formas de lidar com os limites para se constituir como sujeito que Freud trata as formas de recalque da pulsão, já colocadas anteriormente, no qual as formações do inconsciente como chistes, sonhos, atos falhos trazem a expressão do inconsciente transformado pelo recalque. O sintoma nesse sentido traz uma construção em que o objetivo é a satisfação de uma pulsão.

Freud traz a construção da pulsão como o limiar entre o instinto e o aparelho psíquico. A pulsão visa à satisfação, mas ao contrário do instinto, não requer um objeto fixo para satisfação, marca do próprio ser humano. A pulsão se caracteriza por seu movimento em direção a um objeto, movimento que por si só traz essa satisfação. Assim, a concepção de homem traz que não se satisfaz com um alimento, mas com determinada comida, o que aponta para além da satisfação de uma necessidade biológica, uma demanda simbolizada

¹Freud observa seu neto brincar com uma espécie de pião durante a ausência da mãe. Fort e da são palavras que significam longe e perto e nesse movimento quase pendular houve possibilidade de se colocar em palavras a experiência que o neto vive.

²Aquilo que sua mãe deseja, de modo simplificado.

³Que é a busca de reconhecimento de um outro no qual o neurótico se posiciona, pois assim ele é tudo o que é dito dele, ele é completo



a um outro, assim como o corpo: a boca que serve para a alimentação propicia a fala, estimula-se por objetos orais como chicletes, cigarros etc. além das satisfações sexuais.

De uma concepção de constituição de sujeito, Lacan propõe uma releitura de Freud e uma discussão com seus contemporâneos acerca do inconsciente e o modo de condução de uma análise. O humano traz o princípio de homeostase, em que o aparelho psíquico faz todos os artifícios para que o movimento pulsional seja o mínimo possível, evitando perda de energia. Diante disso, o princípio de prazer visa à satisfação pulsional e o “além do princípio do prazer” da pulsão de morte traz o conceito de repetição do inconsciente como outra forma do aparelho psíquico manter seu equilíbrio. Diante disso o sintoma traz a exigência da satisfação pulsional que, recalçada, faz seus meios para que seja satisfeita.

No fim, o inconsciente é um conjunto que tem a vocação de representar os imperativos da pulsão. Mas, como as pulsões são sempre parciais e nem sempre conciliáveis, elas entram em conflito. (...) E, se investigarmos, o curso do movimento pulsional desde as primeiras manifestações, na infância, descobriremos que ele não segue uma tendência única nem busca confluir para formar um impulso uniforme. “Pelo simples motivo de que, além de parciais, as pulsões estão ligadas às excitações provenientes das respectivas fontes” (Cabas, 2009, p. 48)

O sintoma é uma formação cuja natureza é dupla. Por um lado, está intimamente vinculado ao inconsciente, de quem recebe a marca a marca da determinação simbólica e, por outro lado, está indissolúvelmente ligada à pulsão, de quem recebe sua marca sua marca material (Cabas, 2010, p. 39) Assim, o sintoma tratado na psicanálise se oferece a ser falado, a ser ouvido e ressignificado em que “a sua representação é a fiel expressão de uma justa apreciação do estado psíquico das coisas”, ou seja, uma cegueira histórica que se queixa de não poder ver tem um significado simbólico. Um sentido cujo enunciado representa uma resposta.

A leitura de ser humano psicanalítico ultrapassa o biológico do instinto e cria uma concepção de pulsão, na qual traz a marca de uma sexualização mais abrangente, que coloca que o objeto de satisfação não é fixo nem os fins são “naturais”. O corpo é erotizado e significado através da palavra, que marca o corpo e o organiza. Lacan propõe a organização corporal através da unificação da imagem corporal pela concepção do Estádio do Espelho, que, usado como metáfora o espelho em que o bebê é visto por um outro que lhe confere uma unificação da imagem corporal.

A releitura de Lacan, sem correr o risco de trazer ao senso comum, traz a constituição do sujeito pela linguagem, mundo simbólico, através de um outro que atribui significantes que deixam marcas inconscientes.



A concepção de Lacan “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” coloca que é na escolha de como se encadeia o que se fala é que está a possibilidade de expressar o querer e o modo como nos posicionamos perante os outros, o mundo. É pelos significantes, vazios de significações a priori, que traz a significação a posteriori.



5 A CRIANÇA QUE FALA E É FALADA

A concepção atual de criança pela psicanálise vem marcada a partir dos estudos de Freud acerca do inconsciente.

A Psicanálise, então, traz um novo discurso sobre o ser humano, não como indivíduo (objeto da ciência), mas como marcado pelo inconsciente, por essa “outra cena” ao mesmo tempo inquietante e familiar, um ser humano passível de sonhar, amar, desejar, construir crenças, odiar, culpar-se, etc. (Prizskulnik, 2004, p.74)

Segundo Freud em 1914, a inserção da criança na civilização introduz no seio familiar o lugar de “sua majestade, o bebê”, em que ocupa todo o lugar libidinal da família. Nesse mesmo texto Freud discorre sobre o amor e o investimento libidinal dos pais nas crianças, segundo a política dos ideais. O amor dos pais aos filhos traz a identificação e renascimento de seu narcisismo:

A criança terá mais divertimento que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação - _Sua majestade o bebê, como outrora nós mesmos nos imaginávamos (Freud, 1914/1976, p.108, ver Prizskulnik, 2004).

A criança antes de nascer já traz um lugar imaginário de desejos, já é falada de acordo com a história familiar. A criança é um ser desejante, uma vez que se apropria da fala para se expressar, demandando amor além dos objetos que satisfaçam suas necessidades na relação com figuras parentais.

O que Freud afinal descortina é uma concepção de criança muito peculiar, ou seja, “[...] não a criança policiada, educada, disciplinada, e sim a criança visada pelo gozo, gozo que deixa seus traços no adulto, em seus sucessos e seus fracassos, suas perversões ou suas sublimações” (Clastres, 1991, p.138). Ele postula um sujeito que escapa ao controle da educação ao propor uma criança dotada de uma sexualidade perverso-polimorfa. (Prizskulnik)



Lacan em seu texto *Duas Notas Sobre a Criança* (1969) distingue dois tipos de posicionamento que a criança pode assumir frente ao discurso parental. No primeiro, a criança responde ao que há de sintomático no casal, nesse sentido, seu sintoma é um representante da verdade do desejo dos pais. O que os pais falam da criança situa o posicionamento dela e a verdade parental. A criança colocada para falar revela esta verdade e possibilita que faça a separação desta alienação parental.

O autor afirma que este caso é mais permeável à intervenção analítica, uma vez que houve a operação da função paterna, existindo uma certa separação mãe-criança, sendo possível situar um sujeito. É na operação de separação da criança que é possível constituir um modo de lidar com a falta, com o pulsional.

No segundo tipo de posicionamento, o sintoma diz respeito à subjetividade da mãe, uma vez que a relação mãe-criança não houve a separação e a criança fica posicionada como objeto desta mãe em sua captura fantasmática. Lacan coloca este segundo posicionamento é mais refratário à intervenção, já que a criança está assujeitada ao desejo materno, não havendo a intervenção de um terceiro. A criança é colocada no lugar de objeto que satura a falta materna, realiza a presença do objeto a, como objeto que traz completude: ela aliena em si todo o acesso possível da mãe à sua própria verdade, dando-lhe corpo, existência e, mesmo, exigência de ser protegida (Lacan, 1969).



6 O TRABALHO COM AS CRIANÇAS

No caso das crianças refere Lacan "(...) o sintoma da criança é capaz de responder ao que há de sintomático na estrutura familiar." Diante destes pressupostos, o trabalho com crianças de acordo com Oliveira (1999, ver Araújo, 2002) é um discurso coletivo que engloba a criança, os pais, analista e nesse trabalho acrescentemos a escola e instituições vinculadas.

Para que seja possível o tratamento, a escuta dos pais e dos envolvidos a respeito da criança trazem a posição que esta ocupa no discurso destes. Ou ainda Oliveira (ver Araújo, 2002): "Se temos pais e filhos enlaçados numa estrutura discursiva, a escuta dos pais fornecerá elementos para que se situe a posição do sujeito na estrutura discursiva familiar."

Escutar os pais traz a possibilidade de relacionar o sintoma da criança com o par familiar, visto o discurso pelo qual se fala pela criança e o lugar que é colocado na economia libidinal e que fazem marcas na linguagem deste sujeito.

Fazer a mãe falar, fazer o pai falar causa efeitos sobre a linguagem da criança promovendo o deslocamento do significante. Dessa forma há a possibilidade de que os pais possam interrogar-se sobre o lugar do filho no seu desejo. É nesse momento que os pais têm a possibilidade de se implicarem no sintoma da criança. Só assim a criança poderá sair do lugar onde é manipulada como objeto do gozo desse Outro absoluto e tentar responder ao enigma do Outro como sujeito de sua história e não mais a partir de seus sintomas. (Araújo, 2002)

Diante disto, há muita controvérsia no campo psicanalítico ao se falar em diagnóstico de crianças pelo momento de sua constituição. O que Lacan traz com sua contribuição é a possibilidade de intervenção ser feita com os pais, que, ao falarem marcam a posição que colocam a criança. Além da escuta da criança que a coloca como um sujeito.

A concepção de sujeito é crucial para que esta posição da criança por Lacan possa ser compreendida, uma vez que é em busca de reconhecimento que os pais lidam com o mundo e atribui idealizações e realizações ao filho. Se um filho permanece numa posição



de ocupar o lugar de “especial”, já que ser normal traz o insuportável para a mãe, um sintoma pode ser uma resolução de conflito que se mostra a ser falado.



7 CONTRIBUIÇÕES/DISSCUSSÕES

A inclusão na constituição do sujeito do outro faz com que, além de ser um sujeito que necessita abdicar parte de seus instintos para viver socialmente e fazer disso algo que possa ser produtivo, a própria concepção do sujeito requer um outro relacional que possa nomear e produzir uma imagem para si. Estas concepções saem do dualismo científico de sujeito-objeto tradicional, no qual o indivíduo é quantificável, pleno de sua consciência e traz para a dimensão humana os conflitos, ressignificações e possibilidades de recriações de modos de vida.

Esta concepção de sujeito relacional traz o conflito entre as pulsões e os ideais que são construídos para cada um a partir do social e, mediante isto, o sujeito pode aceitá-los com alguma dificuldade, porque há sempre algo que irá escapar e lhe trazer mal estar. O ser humano não é inteiramente adaptativo e as formas de mal estar e de possibilidades de criação, como as artes, são aspectos que trazem que a ditadura da razão sempre é escamoteada por aspectos que são incompreensíveis se tratado com uma ética generalizada com fórmulas a um sujeito padrão.

Estas discussões trazem o desafio de lidar com as formas de sofrimento: as formas como a sociedade coloca o sujeito e seus modos de lidar com a pulsão, que são moduladas para formas individualistas, segregadas e heterônomas, nas quais o sujeito não reconhece mais o seu sofrimento e com dificuldade se implica com a criação e manutenção deste mal estar. A ética da psicanálise possibilita que o sujeito tenha o reconhecimento de seu sofrimento e que, numa suspensão de tentar preencher com objetos que lhe dizem o que é, sua forma de ser e obter alegrias, possibilitar lidar com a castração que acomete a cada um, as limitações da finitude e, com isso, alguma criação possível.

É uma contribuição desta crítica psicanalítica à Orientação á queixa escolar que se aproximam pela crítica da produção de sintomas comportamentais e de doenças que clamam por serem solucionados à base medicamentosa, que escamoteia não só o sujeito criança, mas toda a rede em que se está inserido.



O trabalho com a formação a que se propõe e arduamente se discute na psicanálise desde a preocupação de Freud com o seu legado traz a questão discutida de que o analista possa ser o agente que mobiliza o tratamento ao mesmo tempo em que não traga anseios em respostas normatizadoras nem tragam ideais que sejam os seus. Este apontamento psicanalítico é essencial para que a condução de um tratamento voltado à queixa escolar que não normatize (novamente) a criança.

Considero esta contribuição á uma orientação sobre a queixa escolar uma vez que traz a crítica sobre o discurso social que segrega, nomeia doenças e padroniza comportamentos, principalmente sobre a criança. É preciso com que o psicólogo reconheça suas possibilidades e limitações ao lidar com este discurso social e que mesmo este discurso é vivido em seus atos fundantes: ao entregar o questionário escolar, muito é considerado pelos não ditos verbalmente, mas por pequenos atos que denunciam possibilidades e conflitos na relação entre os envolvidos.

É só numa abordagem que possibilite a fala dos agentes acerca da criança que podemos tratar e colocar o sujeito como agente de sua história. A OQE traz esta marca de lidar com estes agentes, nos quais falam da criança e o psicólogo ao levar o que a criança construiu em atendimento, possibilita que haja um giro ressignificante neste discurso, alterar palavras e retomar a história da criança e da família para a instituição escolar.

Assim, o impossível de educar é considerado como um desafio para esta abordagem, uma vez que a escola como espaço de contradições atua numa tensão entre modelos ideais de aluno, de processo ensino-aprendizagem e o particular de cada um. O que esta abordagem traz é o desafio de que as políticas públicas requerem ser tecidas um a um. Isto se alia à proposta de OQE de singularizar a queixa.

O que a psicanálise propõe é a subversão de fórmulas prontas, mágicas e ideais de lidar com o ser humano. Sua constituição de sujeito é trabalhosa, uma vez que a vida demanda cuidado de si e para outros de seus afetos, de suas palavras e de seu posicionamento diante da vida. Para a OQE, possibilitar a escuta faz com que os sujeitos inseridos tenham com isso um posicionamento crítico ao desmobilizar as formas generalizadas como se dão o encaminhamento, a condução e o acompanhamento na condução de um tratamento.

Trago a concepção psicanalítica de final de análise neste quadrinho abaixo:

Sobre a criança na psicanálise, o giro é colocado desde o momento antes de sua concepção ao trazer toda a idealização e expectativas na criança que virá. Assim, fala-se, idealiza-se sobre a criança e toda a concepção psicanalítica retira do maniqueísmo bom x mau para uma concepção de transitoriedade do diagnóstico.



Figura 1: Fonte da Internet - Origem Desconhecida

A presença de um sintoma pode indicar uma patologia, mas a fenomenologia não é o determinante para que se estabeleça um diagnóstico, uma vez que a plasticidade também tem de ser levada em consideração. A plasticidade do sintoma pode estar associada a questões subjetivas que muitas vezes remetem à dinâmica familiar, como foi colocado anteriormente.

O sintoma para a psicanálise se oferece a ser falado, uma vez que sua linguagem cifrada pode revelar os conflitos inconscientes da criança, do casal e da família. Daqui parte-se para acrescentar que na estrutura discursiva sobre a criança, a inclusão da escola se faz necessário uma vez que sendo o momento extra-familiar de inserção social da criança traz elementos novos para a sua constituição.

Como último apontamento, trago que a ética psicanalítica traz uma concepção de acompanhamento desde seu diagnóstico, sua condução de tratamento e objetivos permeia uma conduta que extrapola a questão fenomenológica. Um mesmo fenômeno pode trazer diversos significados e a criação de sentidos depende da construção familiar, o que contrapõe a um compilado sintomático que se denomina um catálogo classificados de doenças.



8 BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, M. L. O discurso dos pais na clínica psicanalítica com crianças: significantes transgeracionais em questão, Colóquio do LEPSI IP/FE-USP, São Paulo, 2002. Acesso em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300025script=sci-arttexttln=pt>. (acessado em junho/2012)

BARROSO, S. F. A criança, de Freud a Lacan: do ideal ao objeto. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Almanaque online n.7, 2010. Em: <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/07/textos/Suzana.pdf> (acessado em junho/2012)

CABAS, A. G. O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1974. v.14, p.85- 119.

-----.(1930). O mal-estar na civilização. Em: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, J. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. (Lições originalmente pronunciadas em 1959-1960).

----- Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

----- (1969/2003) Nota sobre a criança. Em: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.369- 370.

PRISZKULNIK, L. A criança sob a ótica da psicanálise: algumas considerações. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, Vol. 5, no. 1, 2004, pp. 72-77. Acesso em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v5n1/v5n1a09.pdf> (acessado em junho/2012).

QUINET, A. Psicose e laço social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.



8.1 Leituras que Embasaram o Trabalho sem Citações

NUNES, H. D; M. F. V. FILHO; FRANCO, D. Os quatro discursos de Lacan e o discurso da ciência: convergências e divergências. Universidade Federal de Fortaleza. Em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/33.pdf> (acesso em junho/2012).

MILLER, Jacques-Alain. Percurso de Lacan – uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

KHEL, M. R. Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Companhia das letras, 2002.